

HOLSTI, Kalevi J. *The State, War, and the State of War*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996 (ISBN 052157790X; paperback: US\$ 18,95; hardcover: US\$59,95).

## A GUERRA NA ATUALIDADE

Thomaz Guedes da Costa  
Conselho Nacional de Desenvolvimento  
Científico e Técnológico (CNPq)

Estudar a guerra no momento em que vivemos pode parecer, para muitos, uma incoerência. Os avanços da interdependência de Estados e sociedades, a ampliação das trocas de toda natureza entre povos e o forte sentido de que, apesar dos percalços, caminha-se para uma sociedade planetária, indicariam um espaço diminuto para a reflexão teórica sobre o fenômeno da guerra contemporânea. Entretanto, Kalevi J. Holsti, ao lançar *The State, War, and the State of War*, chama-nos a atenção para a perenidade do fenômeno. É certo que, para os mais puristas, a espinha dorsal do campo de estudo das relações internacionais, no seu sentido clássico, inclui as causas da guerra, a conduta da violência organizada e o surgimento da paz. Holsti, Professor de Relações Internacionais agora da University of British Columbia, é fiel ao campo, dando seqüência ao exame destes tópicos na mesma linha aberta no seu *Peace and War: Armed Conflicts and International Order, 1648-1989* (1991).

Em *The State, War, and the State of War*, Holsti argumenta que o fenômeno da guerra se manifesta agora, de forma predominante no quadro político mundial, num terceiro formato. O quadro da política internacional européia apresentou-nos um modelo clássico do uso da força armada como instrumento político da disputa entre Estados, pontificado pela síntese de Clausewitz. As potências européias se digladiaram por soberania, influência imperial e hegemonia, tanto a partir de uma decisão racional como de equívocos mútuos a partir de avaliações erradas sobre capacidades e intenções. A manifestação da guerra total, da guerra mundial, como vista desde Napoleão até os dois grandes episódios do século XX, ou ainda na confrontação militar-ideológica sob a égide da revolução nuclear durante a Guerra Fria, consagraram a evolução do modelo clássico para um segundo patamar. Agora, Holsti aponta a consolidação do fenômeno guerra, não mais em embates *entre* Estados, mas na luta *dentro* dos Estados, com efeitos transnacionais e transfronteiriços, com saliência para a agenda teórica de relações internacionais.

Do ponto de vista teórico, Holsti propõe um afastamento do debate clássico das causas interestatais da guerra, tal como a disciplina desfilou nos *The Correlates of War* (SINGER, 1979) e nas obras de Kenneth Waltz, John Keegan, Michael Howard, Jack Levy, Jack Snyder e Barry Buzan, entre outros. O autor volta-se para o estudo das guerras não-declaradas, irregulares, onde o atrito, o terrorismo e as ações contra populações civis salientam a noção de combate. Ao contrário das organizações altamente especializadas e hierarquizadas, como observadas no modelo clássico do uso da força entre Estados na Europa, a nova dimensão da guerra aponta para as lutas de secessão, de resistência e libertação nacional, do facciosismo e do sectarismo ideológico, religioso e étnico. Nos Capítulos I e II, Holsti retrata a evolução do fenômeno, sua importância e o significado dessa terceira forma de conflito, ao considerar o destaque da manifestação clássica do passado ao apelo revelado desde 1945 pelos números de ocorrências, pelas baixas e pelos impactos políticos que legaram as novas manifestações nos conflitos internos.

A tese principal de Holsti, a respeito da nova manifestação do fenômeno da guerra, comparativamente (em número) com o modelo clássico, retoma discussões sobre as condições do Estado — ser forte, ser fraco, ser moderno, ser legítimo etc. Para o autor, os novos Estado-Nações criados no século XX surgem da fragilidade de sua conformação política e complexidade da sua composição social. Nos Capítulos III e IV, Holsti conduz o leitor a uma viagem pela formação dos novos *países* no século XX, revelando a contradição entre a retração colonial, a busca da legitimação internacional e a sustentação da viabilidade política dos novos Estados.

A partir da obra de Barry Buzan, *People, States and Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era* (1991), o autor constrói uma imagem do papel afetivo do Estado quando este estabelece uma idéia de base física e de expressão institucional para o governo de uma comunidade. À

tipologia de autoridade tradicional, proposta por Weber, o autor agrupa aquelas de base cívica, étnica e religiosa que lideram os desafios das sociedades nos novos Estados, no que toca à essência da conduta e da agregação políticas propiciadas por líderes em busca de solução para demandas da sociedade. Até o Capítulo VII, o leitor encontra-se com variadas abordagens que refletem o esforço teórico de compreender a natureza e a força da organização política da sociedade e a função do Estado como um campo de luta.

A riqueza e variedade de considerações teóricas e descriptivas são fundamentadas por uma bibliografia multinacional. Entretanto, o leitor brasileiro se surpreenderá com uma análise consistente sobre a América do Sul como uma área geográfica anômala às propostas teóricas que correlacionam a guerra clássica e a guerra interna com o grau de fragilidade/força do Estado. Ao constatar a ausência de guerra clássica, interestatal na região, mesmo após ter apontando os casos históricos de guerras e tensões (Chile-Peru, Peru-Equador, Argentina-Chile etc.), o autor argumenta, todavia, que a região não observou os padrões clássicos de formação de alianças e de balanço-de-poder no jogo político regional. Entretanto, a violência política no interior dos Estados, de cunho nacionalista ou ideológico, coloca em xeque a tese de que a existência de democracia é condição necessária para a paz, já que Estados fortes se fazem presentes. Partindo de uma premissa de paz internacional e de instabilidade política interna, Holsti realiza uma comparação entre variadas proposições teóricas sobre a ausência da guerra interestatal na região com reflexos sobre sua tese central da instabilidade interna e da nova forma de guerra. Com base principalmente nos estudos compilados por Augusto Varas e Cruz Johnson sobre percepções de ameaças na região, Holsti conclui que o sistema regional evolui para um quadro de cooperação, que seria a nova concepção de segurança cooperativa de William Perry, no novo contexto da segurança internacional.

Do tema da guerra na América do Sul, Holsti pula para as possibilidades de respostas internacionais para os atuais conflitos internos gerados em Estados fracos (Capítulo IX). Talvez haja, com esta mudança, uma certa deficiência estrutural no trabalho. O autor procura retratar os propósitos da ONU, as debilidades e carências dos quadros políticos que geraram as saliências recentes nos conflitos na Somália e Bósnia e os parâmetros gerais debatidos para a resolução de conflitos por meios multilaterais concertados. Há várias proposições e generalizações que não invalidam a tese de Estados fracos como condição de novos conflitos internos. Mas, como focalizado no trabalho, as propostas de resolução de conflitos por meio da força e das facilidades multinacionais não esclarecem prescrições para o atendimento do problema central tal como proposto pela tese de Holsti (a existência de um Estado fraco como condição ou berço do conflito armado).

Finalmente, o leitor deve verificar cuidadosamente o apêndice geral da obra. Holsti, generosamente, traçando um paralelo com seu trabalho anterior, apresenta listagens dos principais conflitos armados, por região e tipo, entre 1945-1995. As classificações e números apontam para a importância do fenômeno da guerra como um problema intra-estatal, mesmo em suas repercussões e custos colaterais internacionais. E, é claro, o leitor poderá desenhar outras verificações e correlações a partir dos dados apresentados.

Em suma, uma crítica favorável à obra *The State, War, and the State of War* pauta-se pela possibilidade de que os estudiosos de Relações Internacionais encontrem aí uma fonte para a contínua reflexão sobre um dos fenômenos centrais do seu campo de estudo. Em adição, ela é favorável também ao sugerir que os estudiosos brasileiros, em particular, incorporem aos seus trabalhos a rica análise comparativa feita por Holsti a respeito da situação de paz na América do Sul — algo raro, principalmente quando se considera a forma tradicional e unilinear com que o assunto é tratado por analistas sul-americanos em suas explicações.

Thomaz Guedes da Costa é PhD em Ciência Política pela Universidade de Columbia (EUA) e Técnico do CNPq.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BUZAN**, Barry. (1991). *People, States and Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era*. Boulder (Colorado), Lynne Rienner.

**HOLSTI**, Kalevi J. (1991). *Peace and War: Armed Conflicts and International Order, 1648-1989*. Cambridge, Cambridge University Press.

**SINGER**, David. (1979). *The Correlates of War*. New York, The Free Press.

\* \* \*